

**A INCOMENSURABILIDADE
NA CIÊNCIA**

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

Presidente do Conselho Curador

Mário Sérgio Vasconcelos

Diretor-Presidente / Publisher

Jézio Hernani Bomfim Gutierre

Superintendente Administrativo e Financeiro

William de Souza Agostinho

Conselho Editorial Acadêmico

Divino José da Silva

Luís Antônio Francisco de Souza

Marcelo dos Santos Pereira

Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen

Paulo Celso Moura

Ricardo D'Elia Matheus

Sandra Aparecida Ferreira

Tatiana Noronha de Souza

Trajano Sardenberg

Valéria dos Santos Guimarães

Editores-Adjuntos

Anderson Nobara

Leandro Rodrigues

THOMAS S. KUHN

**A INCOMENSURABILIDADE
NA CIÊNCIA**

OS ÚLTIMOS ESCRITOS
DE THOMAS S. KUHN

Organizado por
Bojana Mladenović

Tradução
Alexandre Alves



editora
unesp

Título original: *The Last Writings of Thomas S. Kuhn: Incommensurability in Science*
Licenciado pela University of Chicago Press, Chicago, Illinois, USA

© 2022 by The University of Chicago. Todos os direitos reservados.
© 2024 Editora Unesp

Direitos de publicação reservados à:
Fundação Editora da Unesp (FEU)
Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
Fax: (0xx11) 3242-7172
www.editoraunesp.com.br
www.livrariaunesp.com.br
atendimento.editora@unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

K96u

Kuhn, Thomas S.

A incomensurabilidade na ciência: os últimos escritos de Thomas S. Kuhn /
Thomas S. Kuhn; organizado por Bojana Mladenovic; traduzido por Alexandre
Alves. – São Paulo: Editora Unesp, 2024.

Tradução de: *The Last Writings of Thomas S. Kuhn: Incommensurability
in Science*

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5711-154-3

1. Ciência. 2. História da ciência. 3. Filosofia da ciência. I. Mladenovic,
Bojana. II. Alves, Alexandre. III. Título.

2024-3128

CDD 550

CDU 55

Editora afiliada:



Para Sarah Kuhn

SUMÁRIO

Agradecimentos da organizadora	9
Introdução da organizadora	11
Nota da organizadora	57
Thomas S. Kuhn: O conhecimento científico como produto histórico	59
Resumo para “A presença da ciência passada (Shearman Memorial Lectures)”	79
Thomas S. Kuhn: “A presença da ciência passada (Shearman Memorial Lectures)”	
<i>Lecture I: Reconquistando o passado</i>	89
<i>Lecture II: Retratando o passado</i>	115
<i>Lecture III: Corporificando o passado</i>	139
Resumo para <i>A pluralidade dos mundos: Uma teoria evolucionária do desenvolvimento científico</i>	159
Thomas S. Kuhn: A pluralidade dos mundos: Uma teoria evolucionária do desenvolvimento científico	
Agradecimentos	177
Parte I: O problema	
1 O conhecimento científico como produto histórico	181
2 Adentrando o passado	205
3 Taxonomia e incomensurabilidade	243

Parte II: Um mundo de espécies

4 Pré-requisitos biológicos para a descrição linguística 273

5 Espécies naturais 309

6 Práticas, teorias e espécies artificiais 349

Referências bibliográficas 355

Notas 365

Índice remissivo 369

AGRADECIMENTOS DA ORGANIZADORA

O meu trabalho na preparação deste volume para publicação contou com a valiosa ajuda de muitas pessoas e instituições. Em primeiro lugar, agradeço a Karen Merikangas Darling da University of Chicago Press por convidar-me para editar o livro inacabado de Kuhn e por conceder-me o tempo e a liberdade necessários para completar essa tarefa da maneira que me parecesse mais adequada. Agradeço também a Karen por me apresentar aos executores literários de Kuhn: sua viúva Jehane Kuhn e sua filha, Sarah Kuhn. O entusiasmo e a fé delas no projeto foram de importância vital durante todo o processo de edição. O conhecimento que Jehane possui acerca da história dos manuscritos e das próprias ideias de Kuhn em relação a publicações póstumas de suas obras foi de valor inestimável. Ela lançou luz sobre inúmeros pontos que não poderiam ter sido esclarecidos apenas com base nos textos existentes. Entristece-me profundamente que ela não esteja mais viva para ter este livro em suas mãos. Sarah Kuhn, ao prosseguir como executora literária de seu pai, demonstrou excepcional generosidade e integridade. Agradeço por sua ajuda confiável e pelo genuíno apoio. Este volume é dedicado a ela.

Durante dois semestres, o Oakley Center for the Humanities and Social Sciences me ofereceu um espaço tranquilo e fundos para pesquisa para que eu pudesse trabalhar neste projeto. Agradeço à diretora administrativa do centro Krista Birch, aos dois diretores consecutivos do corpo docente da Williams College, Jana Sawicki e Gage McWeeny e a muitos outros pesquisadores do Oakley por seus importantes comentários e sugestões. Gostaria também de agradecer a ajuda que recebi da equipe extremamente

capacitada e eficiente da divisão de arquivos e coleções especiais do Massachusetts Institute of Technology, onde estão guardados os documentos de Thomas S. Kuhn.

Duas pessoas merecem menção especial. Evan Pence, meu assistente de pesquisa, contribuiu sobremaneira para a clareza e a legibilidade dos textos primários, além de ajudar-me a completar e atualizar todas as referências de Kuhn. Ele também fez excelentes observações e sugestões filosóficas, a maioria das quais infelizmente não pude abordar neste volume, mas que ainda me dão o que pensar. Mane Hajdin leu cuidadosa e construtivamente todas as contribuições editoriais ao volume e me ofereceu muitas sugestões perspicazes e úteis. Como sempre, seu apoio foi vital para a finalização deste trabalho.

Bojana Mladenović

INTRODUÇÃO DA ORGANIZADORA

Mais de vinte anos já se passaram desde a morte extemporânea de Thomas S. Kuhn. O livro que o tornou célebre, *A estrutura das revoluções científicas*,¹ conquistou o *status* de clássico: é uma leitura indispensável para qualquer pessoa ilustrada. Cada vez mais se reconhece que Kuhn não foi somente um dos filósofos da ciência mais importantes, mas também um dos pensadores mais relevantes do século XX, cuja influência estendeu-se a diversos campos acadêmicos e, em alguns casos, transformou-os completamente.² Para falar a verdade, algumas das concepções de Kuhn ainda são tão controversas quanto o eram em 1962, quando *A estrutura* irrompeu sobre uma audiência ainda mergulhada no empirismo lógico, porém hoje sua filosofia é mais bem compreendida do que antes e sua complexidade, assim como seus matizes, muito mais apreciados.

Isto se deve, em grande medida, aos esforços sustentados de Kuhn para explicar e defender as teses centrais da *A estrutura*. Com o tempo, contudo, Kuhn persuadiu-se de que maiores esclarecimentos – ainda que cuidadosos – não bastariam; ele começou a pensar que sua filosofia da ciência

1 *The Structure of Scientific Revolutions* (1962), doravante citada como *A estrutura*. A segunda edição revisada, à qual serão feitas as referências subsequentes, foi publicada em 1970 também pela Chicago University Press. [Há tradução disponível desta obra clássica em português, *A estrutura das revoluções científicas*. (N. T.)]

2 Este é claramente o caso da filosofia geral da ciência, mas a obra de Kuhn também influenciou a filosofia da linguagem, a epistemologia, a história e a sociologia da ciência, os *science studies* e ainda outros campos mais distantes. Por exemplo, os termos *paradigma* e *incomensurabilidade* são ubíquos na academia contemporânea; seus múltiplos usos são todos inspirados por *A estrutura*.

precisava ser revisada em certa medida, e que ela também precisava ser situada no interior de um arcabouço filosófico mais amplo e reelaborado. Kuhn publicou uma série de artigos nos quais apresentava uma visão global da nova direção que sua filosofia tomara.³ Este trabalho deveria culminar em um novo *magnum opus*, um livro que foi seu projeto principal por mais de uma década; infelizmente, Kuhn não viveu para concluí-lo.

Este volume finalmente traz aos olhos do público todos os esboços dos capítulos deste livro ansiosamente aguardado, que tinha o título provisório de *The Plurality of Worlds: An Evolutionary Theory of Scientific Development* [*A pluralidade dos mundos: uma teoria evolucionária do desenvolvimento científico*]. Este manuscrito é precedido por dois textos inter-relacionados, nunca publicados anteriormente em inglês: o artigo de Kuhn “O conhecimento científico como produto histórico” e as suas Shearman Memorial Lectures, “A presença da ciência passada”. O volume também inclui dois resumos, um para as Shearman Lectures e o outro para *A pluralidade*. Ainda que sejam criações editoriais, os resumos usam as formulações do próprio Kuhn sempre que possível. Eles mostram, num relance, as áreas de superposição temática entre as duas obras. Além disso, o resumo para *A pluralidade* esboça os principais tópicos dos quais deveriam se ocupar as partes não escritas do livro, tanto quanto esses tópicos pudessem ser reconstruídos com responsabilidade.

Esta Introdução ao volume consiste em três partes. A Parte I apresenta a história dos três manuscritos, a sua relação uns com os outros e o seu estado atual. A Parte II, destinada principalmente aos leitores não completamente familiarizados com os interesses filosóficos e com o desenvolvimento de Kuhn após *A estrutura*, fornece essa informação e contexto, além de esboçar os contornos que se pretendia que o livro *A pluralidade* tivesse. Essa parte é, por assim dizer, um mapa rodoviário através do material primário que é complexo, com frequência repetitivo e fundamentalmente inacabado.⁴

3 A maior parte desses textos foi coligida e publicada postumamente em *The Road since Structure: Philosophical Essays, 1970-1993, with an Autobiographical Interview*, org. James Conant e John Haugeland. [Há tradução disponível dessa obra em português, *O caminho desde A estrutura: ensaios filosóficos, 1970-1993, com uma entrevista autobiográfica*. (N. T.)]

4 Apresentar ao leitor a informação e o contexto necessários sem impor-lhe minhas próprias interpretação e avaliação da obra de Kuhn foi um ato de equilíbrio delicado. Embora em filosofia explicação e interpretação inevitavelmente sigam juntas e inspirem uma à outra, há maneiras de privilegiar uma em detrimento da outra. Na dúvida, sempre optei pela conten-

A Parte III da Introdução oferece observações conclusivas acerca da natureza e dos conteúdos deste volume.

I. Os conteúdos deste volume

Fontes

Ao trabalhar neste volume, apoiei-me em diversas fontes. Embora eu não discuta aqui todos os textos de Kuhn previamente publicados, ou a rica literatura secundária sobre ele, essas obras constituíram o necessário pano de fundo para meu trabalho editorial. Alguns dos artigos que Kuhn publicou no final dos anos 1980 e nos anos 1990 foram especialmente úteis, já que é nesse momento que o projeto filosófico de *A pluralidade dos mundos* começa a tomar forma.⁵ Mais importantes ainda foram as indicações, nos capítulos esboçados do manuscrito, do que deveria vir posteriormente no livro. Além disso, Kuhn deixou um rico arquivo de textos não publicados de vários tipos, a maioria dos quais sob a guarda dos Arquivos e Coleções Especiais do Instituto no Massachusetts Institute of Technology. Os mais importantes dentre eles, para reconstruir o livro inacabado de Kuhn, são as Thalheimer Lectures,⁶ as notas de aula de Kuhn e os folhetos para seus seminários de pós-graduação no MIT, nos quais ele discutia com frequência o seu livro em andamento,⁷ bem como sua correspondência com colegas, especialmente sua troca de cartas com Quentin Skinner na esteira das Shearman Lectures.⁸

ção editorial e interpretativa. Por exemplo, decidi oferecer somente umas poucas notas de rodapé no intuito de esclarecer os textos primários e, assim, jamais tratei essas notas como um espaço para debater as concepções de Kuhn. (Para mais informação acerca das decisões editoriais, ver a minha Nota da organizadora.)

5 Ver especialmente “Mundos possíveis na história da ciência”, “O caminho desde *A estrutura*” e “O problema com a filosofia histórica da ciência”, reimpressos como capítulos 3-5 de *O caminho desde A estrutura*, op. cit.

6 Thomas S. Kuhn Papers, MC 240, caixa 23, Institute Archives and Special Collections, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, Massachusetts (doravante IASC MIT). Entretanto, as Shearman Lectures, aqui publicadas, oferecem uma versão mais desenvolvida do mesmo conjunto de ideias.

7 Esses materiais estão guardados no Thomas S. Kuhn Papers, MC 240, caixa 23, IASC MIT.

8 Thomas S. Kuhn Papers, MC 240, caixa 22, IASC MIT.

No entanto, uma fonte importante, na qual me baseei ao reconstruir *A pluralidade*, não está publicamente disponível: trata-se das notas não revisadas que Kuhn deixou para cada capítulo projetado do livro.⁹ Essas notas, em sua maior parte, são breves e sugestivas em vez de detalhadas e explícitas; apesar disso, julguei-as muito úteis ao produzir o resumo para *A pluralidade*.¹⁰ Jehane Kuhn, a viúva e executora literária de Kuhn, deu-me uma cópia das conversações transcritas entre Kuhn, James Conant e John Haugeland, das quais ela participou ocasionalmente.¹¹ As conversações ocorreram na casa de Kuhn, entre 7 e 9 de junho de 1996, em cinco sessões de trabalho, totalizando cerca de sete horas. Kuhn quis que as fitas das conversações fossem destruídas e nunca deu a entender que as transcrições deveriam estar publicamente disponíveis.¹² Por respeito aos desejos de Kuhn, não utilizei essas transcrições como fonte de informações sobre suas concepções filosóficas, mas somente para reconstruir a história de seu trabalho nos manuscritos publicados neste volume.

Nenhuma dessas fontes oferece nada que sequer se aproxime de uma primeira versão das partes não escritas de *A pluralidade*. Em lugar disso, elas nos dão uma noção da direção filosófica geral de Kuhn, com razões muito claramente afirmadas, aqui e ali, contra uma má compreensão particular de suas concepções, ou contra uma posição filosófica rival que poderia ser confundida com a do próprio Kuhn. Assim, as fontes disponíveis apenas lançam uma luz parcial, difusa, sobre o projeto de *A pluralidade*, que Kuhn ainda ponderava em junho de 1996. Ninguém pode saber agora o que teria sido a versão final e detalhada de sua concepção se ele tivesse tido tempo para articulá-la plenamente, contudo, os contornos globais de sua posição podem ser esboçados e, pelo menos alguns de seus detalhes, preenchidos.

9 Recebi da University of Chicago Press, com a permissão das executoras literárias de Kuhn, as notas deste para *The Plurality of Worlds*, junto com a última versão do manuscrito do livro.

10 Algumas das notas de Kuhn sublinham os problemas que ele precisava resolver antes de considerar completo o capítulo; outras sugerem ideias que precisavam ser desenvolvidas e incorporadas. Algumas notas, porém, parecem apenas tangenciar o capítulo junto com o qual foram arquivadas.

11 Infelizmente, Jehane faleceu em 2021. A filha de Kuhn, Sarah Kuhn, continua como sua executora literária. No título da transcrição lê-se “Interviews with Tom Kuhn, June 1996”. As entrevistas foram conduzidas por James Conant e John Haugeland, transcritas por Joan Wellman e revisadas por John Haugeland.

12 “Em nenhuma circunstância elas deverão ir para o arquivo”, disse ele. “Interviews with Tom Kuhn”, op. cit., p.142.

Textos primários

“O conhecimento científico como produto histórico” e as Shearman Memorial Lectures, “A presença da ciência passada”, de Kuhn são ambos filosoficamente importantes por si sós e relevantes como marcos no desenvolvimento das ideias centrais do livro inacabado de Kuhn. Dispostos cronologicamente, os três textos revelam a trajetória filosófica de Kuhn dos anos 1980 até sua morte em 1996.

“O conhecimento científico como produto histórico” foi redigido e revisado múltiplas vezes entre 1981 e 1988. Várias versões desse texto foram feitas para conferências para as quais Kuhn foi chamado como palestrante convidado.¹³ Na primeira das Shearman Lectures, Kuhn observa que “O conhecimento científico como produto histórico” deveria “aparecer em *Synthèse*” (querendo dizer a *Revue de Synthèse*, um periódico francês de história e filosofia da ciência), porém o texto não foi publicado ali.¹⁴ A última versão, incluída neste volume, foi feita para uma conferência em Tóquio em 1986 e subsequentemente publicada em *Shiso* em tradução japonesa.¹⁵ Ela oferece a melhor explicação disponível da análise kuhniana das origens e dos compromissos da epistemologia tradicional da ciência, dos problemas que a assolavam e das maneiras pelas quais a compreensão evolucionária da ciência por parte de Kuhn evita esses problemas. Embora não haja superposição textual significativa entre esse artigo e o capítulo de abertura de *A pluralidade dos mundos*, os dois textos compartilham o mesmo título e cumprem a mesma função de justificar a filosofia da ciência de Kuhn, que é evolucionária, sensível ao contexto histórico e orientada para a prática. Tendo a pensar nesse artigo, então, como um protocapítulo 1 de *A pluralidade*.

13 Brandeis University, 30 maio 1984; University of Minnesota, 21 out. 1985; Tóquio, 2 maio 1986.

14 Não fui capaz de descobrir por que Kuhn pensava que a conferência seria publicada na *Synthèse* nem por que ela não foi ali publicada.

15 Thomas S. Kuhn, “*Rekishī Shosan toshite no Kagaku Chishiki*” [O conhecimento científico como produto histórico], trad. Chikara Sasaki e Toshio Hakata, *Shisō* [Pensamento], v.8, n.746, p.1-18, ago. 1986. Agradeço a Shinko Kagaya por sua inestimável ajuda em obter uma cópia da publicação japonesa. O texto publicado aqui é o da versão original em inglês, guardada no Thomas S. Kuhn Papers, MC 240, caixas 23-24, IASC MIT.

“A presença da ciência passada” é uma série de três Shearman Memorial Lectures que Kuhn pronunciou na University College de Londres em novembro de 1987. As conferências exploram a abordagem histórico-evolucionária da ciência por parte de Kuhn e começam a articular as consequências filosóficas da adesão a tal abordagem. Duas outras séries de conferências as precederam: as Notre Dame Lectures, “A natureza da mudança conceitual”, pronunciadas na Universidade de Notre Dame em novembro de 1980, que parecem estar perdidas;¹⁶ e as Thalheimer Lectures, “Desenvolvimento científico e mudança lexical”, apresentadas na Universidade Johns Hopkins em novembro de 1984.¹⁷ As Shearman Lectures constituem a última versão completa da filosofia madura de Kuhn e o melhor guia disponível – ainda que imperfeito – para o que seu livro visava realizar: elas esboçam toda a paisagem filosófica que o livro planejado deveria cobrir. A última conferência é particularmente importante por nos dar uma noção de qual teria sido o conteúdo da Parte III e do Epílogo de *A pluralidade* se Kuhn tivesse vivido para escrever essas partes do livro.

Kuhn não publicou as Shearman Lectures, nem quaisquer outras conferências que pronunciou no final dos anos 1980 e início dos anos 1990. Ele as tratou como esboços, mais ou menos exitosos, de seu livro. Entretanto, revisou e burilou o manuscrito das Shearman Lectures e o compartilhou com diversos de seus colegas, amigos e estudantes; esse manuscrito ainda circula de modo semiclandestino em alguns círculos filosóficos.¹⁸ Assim, as Shearman Lectures tornaram-se uma fonte não publicada da maior

16 As ideias centrais das Notre Dame Lectures foram retrabalhadas em “O que são revoluções científicas?” e “Comensurabilidade, comparabilidade e comunicabilidade” (ambos reimpressos em *O caminho desde A estrutura*, como cap.1 e 2, respectivamente, op. cit.), assim como nas Thalheimer Lectures e nas Shearman Lectures.

17 “Scientific Development and Lexical Change”, Thalheimer Lectures, Johns Hopkins University, 12-19 nov. 1984. (Thomas S. Kuhn Papers, MC 240, caixa 23, IASC MIT.) As Thalheimer Lectures foram publicadas em tradução espanhola: *Desarrollo científico y cambio de léxico: Conferencias Thalheimer*. A primeira das quatro conferências é discutida por Pablo Melogno no artigo “The Discovery-Justification Distinction and the New Historiography of Science: On Thomas Kuhn’s Thalheimer Lectures”, *Hopos: The Journal of the International Society for the History of Philosophy of Science*, v.9, n.1, p.152-78, primavera 2019.

18 As Shearman Lectures suscitaram um interesse tal que na University College de Londres não havia mais nenhuma sala de conferências que fosse grande o suficiente para acomodar a todos. Kuhn distribuiu cópias das conferências a alguns membros da audiência que esperavam nos corredores e essas cópias circularam posteriormente sem a sua permissão. “Interviews with Tom Kuhn”, op. cit., p.111.

importância para a apreciação da filosofia tardia de Kuhn. Dois artigos esplêndidos – o primeiro de Ian Hacking e o segundo de Jed Buchwald e George Smith¹⁹ – analisam e discutem as Shearman Lectures de modos filosoficamente estimulantes, ricos em nuance e detalhe; uma compreensão plena desses artigos, assim como da resposta publicada de Kuhn a Hacking,²⁰ requer familiaridade com o texto original de Kuhn. Assim, já que as Shearman Lectures são agora amplamente discutidas, mas não geralmente acessíveis, e já que o livro que devia substituí-las não foi concluído, os executores literários de Kuhn e a University of Chicago Press decidiram que esse importante texto deveria ser incluído neste volume, não obstante a intenção original de Kuhn de não o publicar.²¹

A peça central deste volume é, por certo, o livro inacabado de Kuhn, publicado aqui com o título provisório que tinha na época de sua morte: *A pluralidade dos mundos: uma teoria evolucionária do desenvolvimento científico*. Se Kuhn tivesse vivido para concluir o livro, é provável que lhe houvesse dado um título diferente. O título provisório original parece ter sido *Palavras e mundos: uma concepção evolucionária do desenvolvimento científico*. Este é o título que Kuhn propôs em sua exitosa candidatura para uma bolsa da National Science Foundation em história e filosofia da ciência em 1989.²² Não está claro por que Kuhn abandonou esse título, que anuncia adequadamente o conteúdo pretendido, nem por que não retornou a ele quando ficou preocupado com a possibilidade de que *A pluralidade dos mundos* pudesse ser confundida com *Sobre a pluralidade dos mundos* [*On the Plurality of Worlds*] de David Lewis e que se supusesse erroneamente

19 Hacking, “Working in a New World: The Taxonomic Solution”, em Horwich (org.), *World Changes: Thomas Kuhn and the Nature of Science*, p.275-310; Buchwald; Smith, “Thomas S. Kuhn, 1922-1996”, *Philosophy of Science*, v.64, n.2, p.361-76, 1997.

20 Kuhn, “Afterwords”, em Horwich (org.), *World Changes*, op. cit., p.311-41; reimpresso como cap.11, em *O caminho desde A estrutura*, op. cit.

21 Ao escrever cada uma dessas séries de *lectures* (Notre Dame, Thalheimer e Shearman), Kuhn esperava criar uma versão do livro, mas sentia que nunca fora exitoso nessa tarefa. Ele pensava que as Shearman Lectures chegaram “muito perto”, mas ainda assim não as desejava publicadas (“Interviews with Tom Kuhn”, op. cit., p.50). Parece que ele estava particularmente insatisfeito com uma versão do idealismo kantiano que endossara nas Shearman Lectures (p.61, 81).

22 Também é com esse título que James A. Marcum se refere ao livro inacabado de Kuhn em sua obra *Thomas Kuhn's Revolution*, p.25, 126.

que versasse, como o livro de Lewis, sobre lógica modal.²³ Kuhn expressou essa preocupação a Jehane Kuhn, que me falou dela em uma comunicação privada em 2017. O desejo de Kuhn de encontrar um novo título para seu livro também está documentado em suas conversas transcritas com James Conant, John Haugeland e, nesse segmento da conversa, com Jehane Kuhn.²⁴ Ao referir-se ao título, Kuhn disse que ele deveria incluir *mundos* ou *pluralidade*, mas decidiu delegar a decisão final a Jehane, que decidiu não o modificar.

O plano de Kuhn para o livro era ambicioso e o trabalho consumiu um tempo considerável.²⁵ O livro devia se iniciar com agradecimentos e com um prefácio, seguidos por três partes substantivas, cada uma constando de três capítulos: Parte I, “O problema”; Parte II, “Um mundo de espécies” e Parte III, “Reconstruindo o mundo”. Um epílogo devia ser acrescentado e um apêndice devia concluir o livro. Infelizmente, só existem esboços completos da Parte I (capítulos 1-3) e dos capítulos 4 e 5 da Parte II; o esboço do Capítulo 6 está inacabado. Kuhn deixou notas esparsas para a Parte III e o Epílogo, mas nenhum texto efetivo; o Prefácio e o Apêndice também estão faltando.

A Parte I é burilada e está claramente próxima da versão final pretendida. Ela motiva o projeto do livro como um todo e delineia os capítulos planejados à frente. Sua ênfase está na natureza e na significação filosófica do estudo histórico da ciência, vividamente introduzidos mediante detalhados estudos de caso das obras de Aristóteles, Volta e Planck. Kuhn utilizou esses três estudos de caso para mostrar como exatamente a história da ciência deve confrontar a incomensurabilidade a fim de gerar compreensão e de formular as importantes questões filosóficas que a última parte do livro estaria encarregada de abordar. Embora haja uma considerável superposição textual entre a primeira Shearman Lecture e o Capítulo 2 de *A pluralidade*,

23 Lewis, *On the Plurality of Worlds*.

24 A preocupação com a similaridade entre esse título e o da obra de Lewis aparece na p.92 das “Interviews with Tom Kuhn”, op. cit.

25 Embora algumas das ideias centrais do livro remontem ao texto “Second Thoughts on Paradigms” – publicado inicialmente em Suppe (org.), *The Structure of Scientific Theories*, p.459-82; reimpresso como cap.12 em *A tensão essencial: estudos selecionados sobre tradição e mudança científica* –, o trabalho de Kuhn no manuscrito só começou efetivamente após ele ter completado as Shearman Lectures.

as diferenças gerais entre as duas obras, separadas por menos de uma década, também são consideráveis e muito importantes por revelarem a trajetória do pensamento de Kuhn e o desenvolvimento de sua posição filosófica madura. A segunda das Shearman Lectures, por exemplo, discute a incomensurabilidade entre a ciência do passado e a do presente, além de esboçar os contornos de uma teoria do significado e de uma teoria do conhecimento que nos permitiria dar sentido à compreensão histórica a despeito da incomensurabilidade. Na medida em que essa conferência acena para uma explicação empiricamente fundamentada do aprendizado da linguagem e da aquisição de conceitos, ela é o germe a partir do qual se desenvolveu a Parte II do livro; porém o texto efetivo e a metodologia filosófica diferem consideravelmente.

Na verdade, a Parte II – em contraste com a Parte I – provavelmente será uma grande surpresa para os leitores familiarizados com os escritos publicados de Kuhn. Aqui, Kuhn parece estar à procura de uma fundamentação naturalista de sua teoria prospectiva do significado, que deveria, por seu turno, fundamentar sua ideia revisada da incomensurabilidade. Ele visava utilizar os resultados da pesquisa científica em psicologia cognitiva e em psicologia do desenvolvimento como base para sua teoria do significado e da compreensão atravessando estruturas e práticas lexicais incomensuravelmente diferentes. Entretanto, esse importante projeto é somente proposto, porém não concluído. Suponho que a versão final da Parte II teria atualizado e condensado os resultados relevantes da pesquisa científica e, então, ressaltado a sua significação filosófica, dessa forma preparando o terreno para o último segmento do livro, filosoficamente mais interessante, porém não escrito.

A Parte III deveria entrelaçar a concepção histórica da mudança conceitual, exposta na Parte I, e as exposições científicas da aquisição de conceitos, apresentadas na Parte II, a fim de explicar tanto a incomensurabilidade como a nossa habilidade de compreender e nos comunicar a despeito dela. A *pluralidade* trata a incomensurabilidade como ubíqua através de culturas, línguas, períodos históricos e diversos grupos sociais; as comunidades científicas divididas pela incomensurabilidade são apenas um caso especial, ainda que muito especial. Kuhn visava explicar tanto o modo como a ciência compartilha padrões universais de aquisição conceitual e estruturação de léxicos, quanto o modo pelo qual a mudança lexical na ciência

difere da mudança lexical nas linguagens naturais. Questões filosóficas gerais sobre significado, compreensão, crença, justificação, verdade, conhecimento, racionalidade e realidade foram todas suscitadas pelo projeto de Kuhn e ele tencionava abordá-las na Parte III. O principal objetivo era desenvolver teorias do significado e do conhecimento que tomariam a incomensurabilidade como seu ponto de partida e encontrariam espaço para, em primeiro lugar, uma noção robusta do mundo que a ciência investiga e, em segundo lugar, para a racionalidade da mudança de crença e, por fim, para a ideia de que o desenvolvimento científico é progressivo.

O Epílogo deveria retornar à questão da relação apropriada entre história e filosofia da ciência, que interessava Kuhn desde *A estrutura* e que magnetizou tanto a atenção de seus críticos como a de seus admiradores. Em sua obra inicial, Kuhn argumentou apaixonadamente contra abordagens presentistas (ou anacrônicas) da história da ciência, que via como características tanto do empirismo lógico quanto do falsificacionismo popperiano.²⁶ Ele estava convencido, em *A estrutura* e em seu livro de ensaios de 1977, *A tensão essencial*, de que a filosofia da ciência deve rejeitar estudos de caso presentistas e se basear em trabalho histórico responsável e detalhado que restitua o contexto, os conceitos, os problemas e as intenções das comunidades científicas do passado. Entretanto, no final dos anos 1980, Kuhn começou a pensar que a historiografia presentista tem a sua própria função insubstituível, que ele deveria explicar e discutir no Epílogo de *A pluralidade*. Felizmente, essa ideia central para o epílogo é muito claramente apresentada na última das Shearman Lectures.²⁷

26 Estudos de caso presentistas em geral são simplificados e completamente descontextualizados. Eles são usados para defender uma posição particular, normalmente uma posição metodológica, que seja relevante para o público atual. O presentismo trata a história da ciência como uma série de conquistas sucessivas que conduzem diretamente à ciência contemporânea. Vistos pelas lentes distorcidas de nossas crenças correntes, os cientistas do passado só parecem racionais e argutos se puderem ser descritos como precursores do trabalho contemporâneo; caso contrário, suas crenças e práticas são postas de lado como sendo equivocadas, irracionais ou mesmo obstinadamente avessas ao progresso. Kuhn corretamente pensava que não é dessa forma que deveria ser conduzida a pesquisa histórica responsável. Controversamente, na época da publicação de *A estrutura*, ele também acreditava que a filosofia da ciência não poderia decolar sem uma cuidadosa restauração histórica da ciência passada.

27 Kuhn estava satisfeito com a formulação que ofereceu aí. Ele disse que a ideia principal do Epílogo “praticamente surge pronta na última parte das Shearman Lectures” (“Interviews with Tom Kuhn”, op. cit., p.65).